

ISSN 2316-7785

EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA O SÉCULO XXI: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA ABORDAGEM CRÍTICA

Angelo Fernando Fiori
Universidade Comunitária da Região de Chapecó
an@unochapeco.edu.br

Luci Teresinha Marchiori dos Santos Bernardi
Universidade Comunitária da Região de Chapecó
lucib@unochapeco.edu.br

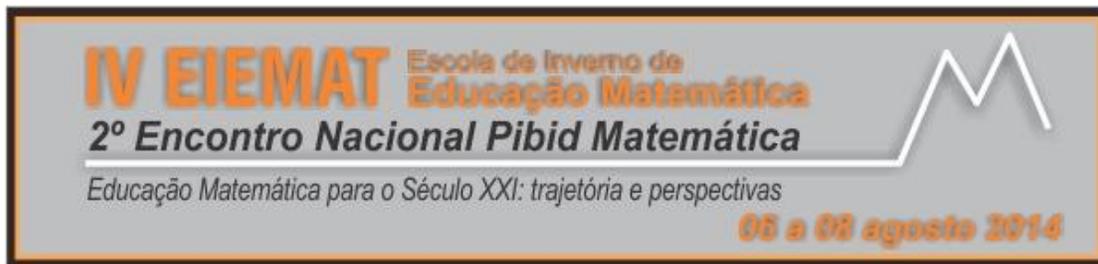
Resumo

O presente trabalho constitui-se enquanto investigação qualitativa de revisão bibliográfica que objetiva contribuir com a construção de uma matemática que favoreça a abordagem crítica para a Educação Financeira, compreendendo-a enquanto processo histórico que precisa atender as necessidades de um século que exige novos olhares e atitudes no ensinar e no aprender matemática. Quando se observa a necessidade histórica de bem administrar os bens, percebe-se que educar-se financeiramente vem se tornando um processo cada vez mais voltado para o individual. No entanto, sistemas que oprimem e escravizam os indivíduos neles inseridos, alienando-os de bens e serviços financeiros disponíveis usam a dificuldade em Educação Financeira e em Matemática como uma das justificativas para a condição imposta. A matemática ali presente pode atuar em duas perspectivas: empoderando ou limitando indivíduos. Em sala de aula o professor precisa oportunizar aos jovens uma formação que lhes permita preocupar-se menos com o possuir, e mais com a forma de ter e o que fazer com tais “dívidas econômicas” (seja dinheiro ou bens). Construir conceitos, atitudes e estudantes capazes de questionar e atuar frente os desafios que uma Educação Financeira mercadológica e preocupada com a manutenção de cartéis e ideologias propagada, é também tarefa do professor que ensina Matemática em um período que se busca o rompimento com a ideologia da certeza e supremacia do ter. Assim, procura-se contribuir para as discussões de uma Educação Financeira mais voltada para construção de uma sociedade crítica utilizando-se da Matemática como instrumento neste trajeto.

Palavras-chave: Educação Financeira Crítica; Ensino de Matemática; Empowerment.

Contexto

A Educação Financeira (EF) nasce com a necessidade de troca de mercadorias imposta durante as primeiras práticas comerciais, pois exigiam administração de bens para



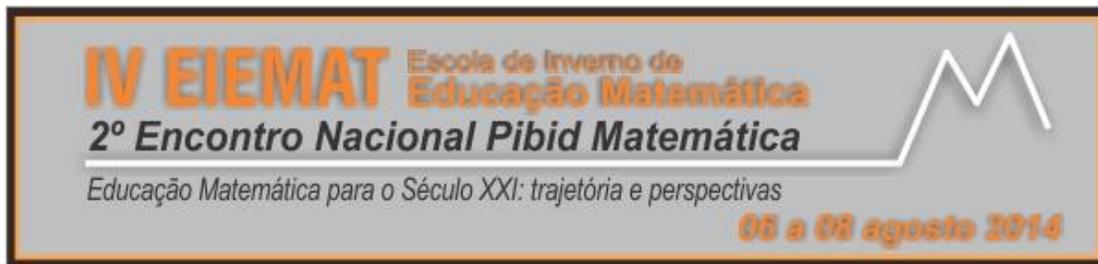
o escambo. Desde então ela ganhou cada vez mais espaço, especialmente com a instituição do capitalismo a partir das revoluções industriais, atrelada a uma metodologia de poupar para se ter qualidade de vida, independente dos percalços que isto acarreta.

Com essas mesmas características ela adentra as salas de aula: com uma visão muito capitalista, ou seja, uma educação para o dinheiro e não para a construção de sujeitos críticos. Mais do que isso, a matemática utilizada na EF é a inquestionável por apresentar-se enquanto resposta precisa e contra as quais não cabem recursos. Nisso se contrapõe com uma educação emancipadora, especialmente pela Educação Matemática Crítica (EMC), a qual propõe que os estudantes sejam capazes de conhecer refletir e agir perante conteúdos e situações.

Propõe-se com este trabalho contribuições na construção de uma matemática que favoreça uma abordagem crítica para a EF, compreendendo-a enquanto processo histórico que necessita atender as necessidades de um período que exige novos olhares e atitudes sobre no ensinar e no aprender Matemática.

O estudo aqui apresentado constitui-se enquanto, resultado parcial da pesquisa da pós-graduação lato sensu em Matemática Financeira, sendo uma investigação qualitativa através de pesquisa bibliográfica. Segundo Borba e Araújo (2006), o qualitativo engloba a ideia de subjetivo, passível de expor sensações e opiniões, engloba ainda noções de respeito a diferenças e semelhanças. Com base no objetivo caracteriza-se enquanto uma pesquisa exploratória com coleta de dados indireta (utiliza-se de pesquisa documental e bibliográfica para arguir e discorrer acerca do objetivo exposto). Para atender ao objetivo exposto, este artigo está organizado em duas seções. Na primeira se apresenta a construção histórica da EF e na segunda são apresentados caminhos para a construção de uma Matemática preocupada com o ensino e aprendizagem na perspectiva de uma Educação Financeira Crítica (EFC). São apresentadas ao final as conclusões e referências utilizadas.

Trajетória da Educação Financeira: o processo histórico



Apesar de ser uma discussão recente na educação escolar, a EF está presente nas relações sociais desde quando se houve a necessidade de não mais trocar mercadorias por outras e sim, estabelecer uma moeda de troca quase que unanime: o dinheiro. O dinheiro, desde então está impregnado na vida social dos sujeitos em todas as esferas (MOREIRA, 2000 apud MANFREDINI, 2007) e destes faz distinção, aliena e empodera.

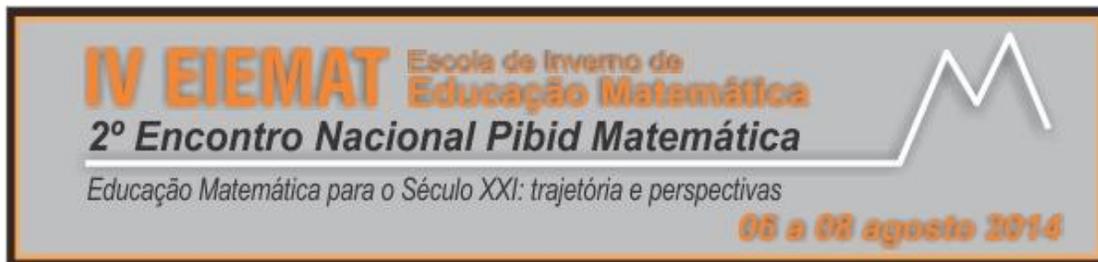
Durante a história da humanidade, os diversos regimes e momentos econômicos que se instauraram, sempre separaram aqueles que têm daqueles que não tem dinheiro: o senhor do servo, os burgueses dos proletários. Se esqueceu, no entanto, que representavam em si, seres humanos com mesmas potencialidades inseridos em uma sociedade de classes que os discriminava e lhes colocava em uma situação de explorador e explorado.

Com o capitalismo, o dinheiro tomou força e impulsionou, sob a bandeira da possibilidade de igualdade, falácias sociais e econômicas quase irreversíveis. Contudo, a alta produtividade do período foi acompanhada pela padronização de mercadorias e o aumento dos ganhos salariais, fomentando assim o consumo. (DIAS; SILVA NETO, 2004). A remuneração era necessária até mesmo para manter o ciclo de capital, gerando demanda para a produção e aumento cada vez maior pela necessidade do ter.

O século XX representou um grande choque para o modelo capitalista presente. Crises de oferta e demanda, como a de 1929 bem como a recuperação de uma guerra e o início de uma segunda, além das diversas batalhas que ocorreram neste período contribuíram para caracterizar um novo tipo de mercado onde os

[...] setores da economia fora da produção de bens de consumo estão, de modo crescente, sendo arrastados para o modelo dos bens de consumo e para a matriz de consumismo, e estão sob pressão para ‘empacotar’ suas atividades como bens de consumo seus serviços precisam se curvar ao poder dos ‘consumidores’. Isso criou uma dificuldade particular para os bancos: para competir com os bens de consumo, seus serviços precisam se curvar ao poder dos consumidores e se tornar atrativos, simples e sem qualquer restrição (FAIRCLOUGH, 2001, p.151).

Mesmo assim, até meados da década de setenta, havia certo controle quanto a movimentação do capital. De acordo com Lapyda (2011, p.7) “[...] aumento exponencial das transações tanto em termos absolutos, como em relação às atividades produtivas; a liberação e desregulamentação de mercados e das atividades financeiras em todo mundo;



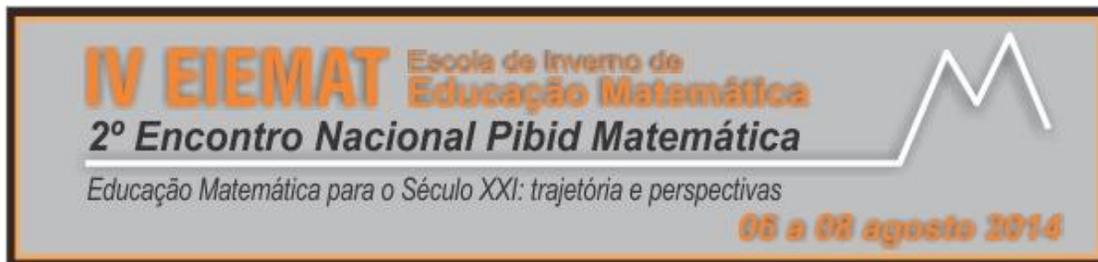
[e] o surgimento de novos agentes e instituições ligadas às finanças” eram características muito presentes nesta fase, além da retomada de uma economia neoliberal e agora globalizada.

As transformações na forma de usar o dinheiro, influenciam diretamente na EF como um todo (MANFREDINI, 2007, p. 77), pois munidos de salários (remunerações pelo trabalho que se exerce), disponibilidade e variedade de produtos e serviços, as pessoas se tornaram cada vez mais consumidoras. Com facilidades e comodidades também aumentando, as pessoas se perderam na administração de tais fatores e acabaram por se endividar o que não é bom nem para as famílias nem para o país.

Preocupados com o crescente endividamento de suas populações, os trinta e quatro países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)¹ incluíram em 2003, na pauta de discussões, a EF. Esta inclusão objetivou que os países, membros ou não, educassem financeiramente seus cidadãos através do *Projeto de Educação Financeira* aprovada por uma comissão da OCDE.

Composto de duas partes, onde a primeira se deteve em um estudo internacional do tema e a segunda a elaboração de um relatório, tal projeto identificou e analisou as pesquisas sobre EF nos países membros da OCDE, descrevendo os distintos programas existentes e a sua eficácia. O relatório apontou, segundo Silva e Powell (2011), três pontos importantes quanto aos cidadãos analisados: primeiramente a existência de um número crescente de trabalhadores que contariam com pensões e economias pessoais para financiar a sua aposentadoria; uma segunda conclusão foi que muitos consumidores, de modo especial os jovens, se endividavam pela maneira com que lidavam com os objetos de crédito (cartões, por exemplo); e, finalmente, o indicativo de uma certa contradição: se por um lado havia um crescimento no número de operações financeiras em meios eletrônicos, fora constatado em vários países que uma porcentagem significativa de consumidores não

¹ OCDE é uma organização que tem por missão a promoção de políticas que melhorem o bem-estar econômico e social das pessoas. Para isso estabelece padrões globais para assuntos ligados a economia e que afetam diretamente a vida cotidiana. Está ligada à empresas, sindicatos e instituições da sociedade civil. Informações disponíveis em: <<http://www.oecd.org/about/>>. Acesso em: 07 mar. 2014.



participa do sistema financeiro (não tem contas bancárias, por exemplo). Ainda, segundo os autores, o estudo indicou que os fatores que importavam quanto a Educação Financeira eram a complexidade e a variedade de produtos financeiros, o aumento da expectativa de vida e os baixos níveis de conhecimento financeiro por parte dos consumidores.

Assim como a OCDE, os interessados pela EF, de modo geral, são instituições financeiras, empresas e profissionais que estão mais ligados ao capital. Desta forma, é possível observar que os propósitos da EF preconizados estão voltados para a formação do consumo e da poupança.

As propostas até então veiculadas no meio educacional e social em geral, quando ocorrem, no sentido de propiciar cidadania, vêm surgindo com mais intensidade nas esferas empresariais, de instituições financeiras, com aparente interesse em alfabetizar economicamente os indivíduos consumidores. (KISTEMANN JÚNIOR, 2011, p. 107).

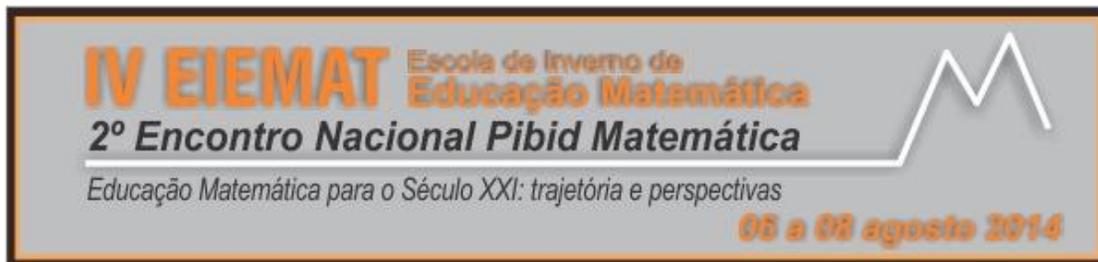
Conceitos de “gerir a renda, poupar e investir”, permearam todo um conceito internacional enraizado nas legislações e nas práticas dos educados e educadores financeiros.

A velha sociedade moderna engajava seus membros primordialmente como produtores e soldados [...]. A norma que aquela sociedade colocava para seus membros era a capacidade e a vontade de desempenhá-los. Mas o atual estágio, pós-moderno, a sociedade moderna tem pouca necessidade de mão de obra industrial em massa e de exércitos recrutados; em vez disso precisa engajar seus membros pela condição de consumidores. (BAUMAN, 1999 b, p. 88).

Nesta nova organização social cada dia mais presente, a Matemática tem papel fundamental por representa a possibilidade de organização e questionamento em ações que auxiliem as pessoas na tomada de decisão e do pensamento crítico frente seu dinheiro.

Construção de uma Educação Financeira Crítica: a Matemática enquanto caminho

Para Carvalho (1994, p.81) “a Educação Matemática é uma atividade essencialmente pluri e interdisciplinar”. Mas não poderíamos apenas tratá-la como o estudo e desenvolvimento de técnicas ou modos eficientes de se ensinar matemática? Para D’Ambrósio (1993) não! Ela é muito mais dinâmica e presente do que técnicas e métodos.



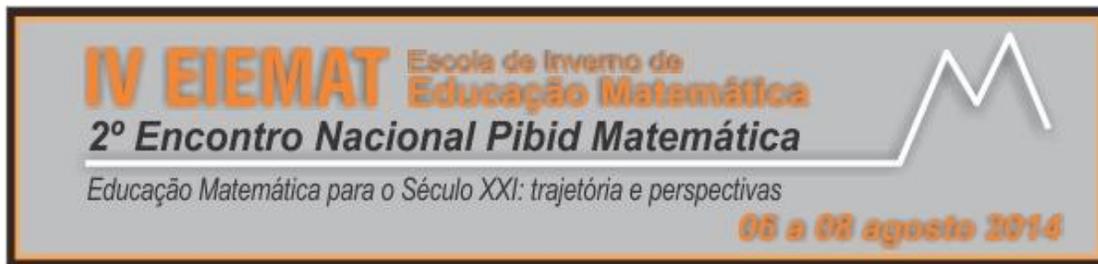
Segundo o autor, a Educação Matemática (EM) depende da dinamização da própria Matemática e, essencialmente, de um professor capaz de assumir uma nova posição frente aos seus estudantes, mostrando-lhes as relações com outras áreas do conhecimento, suas implicações sociais, políticas econômicas. Assim, pode-se dizer que a Educação Matemática é a prática constante de aproximar a Matemática da realidade dos estudantes estabelecendo com eles uma posição de mudança frente a realidade.

A Matemática exerce um poder tão grande quanto invisível. Os estudantes que não aprendem matemática estão, segundo Melin-Olsen (1987) e Volmik (1989) (apud BORBA; SKOVSMOSE, 2001, p. 128), em desvantagem, já que não serão capazes de lidar com a complexidade da sociedade atual. Além disso, usar incorretamente a Matemática leva discriminação racial, sexual e socioeconômica na sociedade. A Matemática se torna frequentemente “uma referência ‘acima de tudo’, como um ‘juiz’, que está acima dos seres humanos, como artifício não-humano que pudesse controlar a imperfeição humana.” (BORBA; SKOVSMOSE, 2001, p. 129).

Um caminho para romper essa ideologia é reconhecer a Matemática enquanto processo contínuo e dinâmico e, mais do que isso, como um processo de potencializar nos estudantes frente sua realidade, uma EM para o *empowerment*².

A Matemática desenvolve o *empowerment* quando dá condições à discussão, levando os envolvidos a questionar e reformular situações, de modo a contribuir na construção de uma sociedade mais preocupada com as pessoas e suas realidades. Enquanto a EF não exercitar efetivas contribuições para tal emancipação, a matemática nela presente estará mais distante de servir enquanto instrumento na transformação das realidades sociais, estimulando a mudança da centralidade de valores e ações para com os bens, o consumo e as relações destas com as pessoas.

²Devido a ampla gama de significados da palavra *empowerment* (dar poder a; ativar a potencialidade criativa; desenvolver a potencialidade criativa do sujeito; dinamizar a potencialidade do sujeito), os tradutores optaram por utilizar a palavra no original e em itálico. Skovsmose também utiliza o termo assim, quando apresenta seus trabalhos em português.



Caminhos para século XXI

A construção de uma EF voltada para a formação de cidadão críticas perpassa pelas salas de aula e pelas aulas de Matemática. É importante que o professor esteja atento e empenhado em verdadeiramente assumir este desafio. Se quer uma EF como um conjunto de instrumentos que auxiliem as pessoas na compreensão e na utilidade do dinheiro em suas vidas, fazendo deste, instrumento de promoção de justiça social e crescimento sustentável a todos, sem distinção de poder econômico ou condição social, reconstruindo, assim, uma sociedade solidária e preocupada com o seu futuro.

A possibilidade de tratá-la enquanto tema transversal ou mesmo de utilizar o ensino de Matemática como prática emancipatória deve cotidianamente fortalecer a Matemática e a EF em seu sentido questionador e crítico. Além disso, uma prática que conduza os estudantes para uma sociedade mais engajada na promoção de igualdade perpassa obrigatoriamente por uma EF preocupada em apresentar o dinheiro e os bens enquanto instrumento de ação no mundo.

Referências Bibliográficas

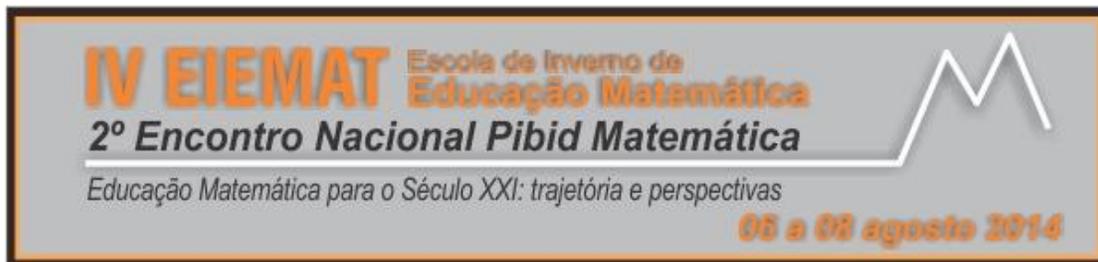
BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**, RJ: Zahar, 1999.

BORBA, M. C.; SKOVSMOSE, O. **Educação matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas-SP: Papyrus, 2001.

BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CARVALHO, J. P. **Avaliação e perspectiva na área de ensino de matemática no Brasil**. Em Aberto, Brasília, n. 62, p. 74-88, abr./jun. 1994.

D'AMBRÓSIO, U. **Educação Matemática: uma visão do Estado da Arte**. Pro-Posições. v.4, n 1[10], mar. 1993. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/>>



~proposicoes/textos/10-artigos-d%5C'ambrosiou.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

DIAS, R. S.; SILVA NETO, R.. **Uma análise das transformações espaciais decorrentes da passagem do regime fordista para os regimes flexíveis de acumulação.** *Vértices*. v. 6, n. 2, p 9-38, mai/ago 2004. Disponível em: <<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20040008/92>> Acesso em: 14 ago. 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: UnB, 2001.

KISTEMANN JÚNIOR, M. A. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores.** Tese de Doutorado. (Programa de Pós-graduação em Educação Matemática), Instituto de Geociências De Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137031P7/2011/kistemannjunior_ma_dr_rcla.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2013.

LAPYDA, I. A **“financeirização” do capitalismo contemporâneo:** uma discussão sobre as teorias de François Chesnais e David Harvey. 223 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo, 2011.

MANFREDINI, A. M. N. **Pais e filhos:** um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição. 2007. (Dissertação em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp040678.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2013.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. **Uma experiência de design em educação matemática:** o projeto de educação financeira escolar. 2011. 16p. Projeto de Pesquisa (Estágio Pós-Doutoral em Educação Matemática) - Rutgers, the State University of New Jersey/ USA.